

Qualidade da informação e convivência democrática

A emergência no cenário político global de um populismo mais identificado com a direita radical preocupa, mobiliza e entusiasma. Preocupa camadas da sociedade mais compromissadas com lutas identitárias e ideias progressistas. Mobiliza outros grupos sociais, mais retrógrados e alinhados a velhos divisionismos. E entusiasma as ruas porque reativa populações antes acomodadas e leva a academia a pensar sobre a política do presente e as repercussões que desestabilizam os sujeitos contemporâneos.

É um tempo de trepidação, de choques frontais e muitas incertezas. É também o triunfo de personagens que ostentam riqueza própria e arrotam ser resultados da meritocracia; de franco-atiradores dos bons costumes e de granadeiros do ódio; de tuiteiros fanáticos e fanáticos tuiteiros; de comediantes políticos e de políticos sem graça alguma; de quem se atribui a condição messiânica e daqueles que enxergam a salvação da política apenas fora dela. É o tempo do esquecimento das liturgias dos cargos e funções, e da irrupção do orgulho de não pensar e não argumentar de forma racional. Uma época classista, machista, racista, poluente e humanamente tóxica. Uma época encharcada de irracionalismo, obscurantismo, negacionismo. Nunca inclusiva, sempre excludente. Trump, Bolsonaro, Duterte, Le Pen, Orban, Erdogan, Salvini, Abascal e outros tantos desfilam gloriosos, inflamando massas impacientes e elites de olhos vidrados. Parte de seu combustível são promessas milagrosas, parte são notícias falsas e memes definitivos.

É este o contexto deste número da *Estudos em Jornalismo e Mídia*, que reserva um especial que trata de *Qualidade no jornalismo, democracia e ética*. Quando lançamos a chamada de textos no final de 2018, um dos objetivos era incentivar discussões envolvendo as atribuições do jornalismo nas sociedades democráticas, articulando parâmetros de qualidade, princípios democráticos e valores éticos. A comunidade científica respondeu à provocação com vigor, e recebemos artigos de diversas partes do Brasil e do exterior. Como fazemos rotineiramente, mobilizamos dezenas de especialistas e, após um rigoroso processo de dupla avaliação cega, chegamos a um sumário extenso, diverso e inquietante. Demasiado até para um único número da *EJM*. Por isso, decidimos desdobrar o dossiê em duas edições, esta e a próxima, prevista para circular no primeiro semestre de 2020. Com isso, acreditamos oferecer debates altamente qualificados, lastreados na lucidez, na contundência e no rigor analítico que os temas da qualidade, da ética e da democracia merecem.

As primeiras palavras deste especial vêm de Portugal, na voz de Isabel Ferin Cunha. A autora passa em revista eventos críticos das primeiras décadas deste século na política, na economia e na tecnologia para indagar o que se entende hoje por mídia e que funções o jornalismo exerce junto a uma sociedade cada vez mais permeável ao populismo e a sedutoras soluções contra-democráticas.

Identificando o fenômeno também pelo mirante português, João Carlos Correia se detém na desinformação como estratégia política de plataformas populistas no debate público e em campanhas eleitorais. A exemplo da colega Isabel Ferin, problematiza os movimentos do jornalismo para se impor como mediador social privilegiado e enaltece a importância da educação para o consumo crítico dos meios de comunicação.

Na trilha das narrativas falsas, Wilson Gomes e Tatiana Dourado recorrem a um acervo de catorze histórias comprovadamente inventadas sobre fraude nas urnas eletrônicas e que circularam durante a campanha presidencial brasileira de 2018 para discutir jornalismo e democracia sob o paradigma das *fake news*. Luis Felipe Miguel, por sua vez, aprofunda o olhar, contemplando ainda o aumento da polarização política e o avanço do conservadorismo no Brasil. O autor explora as ambiguidades do jornalismo, ao mesmo tempo em que se preocupa em demonstrar como as crises da democracia liberal e do próprio jornalismo refletem suas limitações históricas neste contexto. Também no campo gravitacional das notícias falsas, Kássia Nobre dos Santos se debruça sobre o trabalho de checagem de uma das principais agências brasileiras dedicadas a *fact-checking* e *debunking*, a Agência Lupa.

Caroline Kraus Luvizotto e Heloisa Souza dos Santos recuam ligeiramente no tempo para observar como três meios digitais feministas orientaram suas coberturas nos dois meses finais da campanha eleitoral brasileira de 2018. As autoras buscam verificar se aquelas práticas jornalísticas refletem princípios de uma ética feminista brasileira.

Danilo Rothberg e Bibiana Alcântara Garrido não analisam os conteúdos ou pautas dos meios, mas sim seus instrumentos de *accountability*, além de códigos editoriais e de ética. O objetivo foi caracterizar 42 conglomerados de mídia de Brasil e Reino Unido, estratificando-os em três categorias críticas: a qualidade do jornalismo como desdobramento de políticas normativas, a qualidade derivada da concorrência de mercado, e a qualidade como simulacro.

Thaís Bueno e Lucas Santiago Arraes Reino oferecem outros contributos ao debate sobre qualidade, à medida que estudam títulos jornalísticos de meios digitais. Para captar a perspectiva dos profissionais, entrevistaram jornalistas de cinco veículos de modo a entender como as exigências de monitoramento das métricas e as estratégias de *Search Engine Optimization* (SEO) têm transformado a narrativa jornalística.

Dois abordagens estrangeiras distintas se somam à discussão da qualidade, convocando de forma decisiva os compromissos éticos do jornalismo na contemporaneidade. Juan Carlos Suárez-Villega analisa o atual debate na Espanha sobre os diferentes meios de responsabilização da mídia no ecossistema de comunicação digital, com especial atenção à transparência e à prestação de contas. José Manuel da Silva Simões problematiza o papel da imprensa em língua portuguesa em Macau a partir de tensões entre ética, ideologia profissionalista e valores expressos no código deontológico daquela região autônoma chinesa.

Concluem esta primeira parte do nosso especial sobre *Qualidade no Jornalismo, Democracia e Ética* os artigos de Marcela Duarte D'Alessandro e Jales Dantas da Costa – sobre direito de resposta no contexto brasileiro – e de Caroline Roveda Pilger – que propõe subjetividade, sensibilidade e humanismo na formação dos jornalistas.

Os editores convidados deste número querem agradecer as relevantes contribuições dos autores, e o rigor e profissionalismo de pareceristas, revisores e diagramadores. Eles são fundamentais para que este periódico seja produzido, editado e circule. Assim como é necessário reconhecer todo o suporte recebido da ágil e competente equipe do Portal de Periódicos da UFSC. Aos leitores também o nosso agradecimento, pois eles são o nosso horizonte de trabalho. Boa leitura!

Carlos Camponez e Rogério Christofolletti